

QUINTA-FEIRA
Lisboa--5 de Dezembro--1929

5 TRACTOS

4.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre

185



fiRe

semanário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

TODO ESPANHOL!



... e em novas conferencias que haja de ter em Espanha e em Espanha.
E' a indumentaria apropriada ao conferencista que em Sevilha não se expressou na nossa
lingua, mas sim numa lingua... de fóra.



Os ditos da semana



Boletim meteorológico

Ceu de tormenta. Chuvas torrenciais. Verifica-se que, quando tudo anda a pedir chuva, sempre chove.

A tempestade de terra estendeu-se para o mar e tem havido alguns naufragios. As victimas não tem sido muitas porque os naufragos ainda não perderam o costume de se agarrarem á ultima tábua de salvação.

Os astrónomos andam um pouco apreensivos, sem saber a que attribuir estas perturbações. A unica explicação que encontram para tanta borrasca é o facto do Mercurio se achar em conjunção com Sirius, o que, segundo se vê, dá em resultado uma certa escuridão, porque Mercurio apagou Sirius.

Mercurio de dia faz a sua vida, faz o seu giro, trata dos seus negocios, mas, assim que anoitece, põe os taipais e deita-se a dormir, porque não gosta de andar fóra de horas com más companhias, reunidas aos seus inimigos.

Ja Centaurus interveiu tambem na questão, mas a certa altura fugiu porque já não sabia o que havia de dizer a Mercurio. Mas Mercurio ha-de agarrá-lo, que para isso tem azas nos pés.

E é por estas e por outras que os ares andam turvos, o que não admira. Desde que se apagam Sirius com que ha-de a gente iluminar-se.

Que Deus Nosso Senhor os illumine.

Mercedes Blasco A Mercedes que já tem dezanove livros publicados, escreveu mais «Qualquer coisa...» Foi assim que a Mercedes lhe chamou, mas nós não podemos deixar de dizer que a Mercedes escreveu «alguma coisa». O seu novo livro, pelo poder dos conceitos e pela rutila clareza da sua prosa, merecia bem que a Mercedes o tivesse em melhor conceito e lhe desse um titulo mais digno da sua obra, assim como tinha direito indiscutível a outra capa. Assim como está, com uma divisa de segun-



O bebado incorrigivel: — Olhem que já é pouca sorte estar sempre dentro de agua!...

CELSO HERMINIO



Illustração de Alberto Meira

Do livro *Celso Herminio*, de Alberto Meira, transcrevemos:

«O nosso artista appare e pela primeira vez quando Rafael Bordallo Pinheiro — o maior de todos — estava no apogeu da sua gloria, e essa circumstancia, que a outro qualquer menos consciencioso levaria a seguir por caminho diverso, a Celso Herminio, muito ao contrario, fê-lo preferir a larga avenida, ampla e bem arejada, que os passos firmes de Rafael trilhavam.

Foi, pois, para seu lado, mas seguia pelo seu pé...

E tanto pelo seu pé, que a sua individualidade está bem saliente, não ofuscando o brilho do iniciador da sua profissão, mas tambem não se prejudicando com os reflexos do nome dele.

Rafael Bordallo Pinheiro deixou nos a cronica politica e social da sua epoca. Os seus jornais fornecem larga copia de elementos para o historiador do ultimo quartel do seculo XIX.

Celso Herminio foi um cometa for tambem, embora mais ligeiro, da sociedade do seu tempo.»

MANUEL DAS NEVES



Um «gentleman» por dentro mas, franqueza, por dentro apenas. Adonis disfarçado a ponto de ninguem o conhecer.

do cabo na fachaia, não está certo.

Nós, pelo menos, promovemo-lo a capitão.

A perdiz Um consumidor que comprou inadvertidamente, na Praça da Figueira, uma perdiz podre e já cheia de bichos, voltou a traz para que a colareja recebesse a perdiz e lhe devolvesse o dinheiro. Mas, porque a perdiz era perdiz, e alguém havia de perder, entendia a colareja que a perdiz devia ser para o consumidor.

Travou-se uma elegante discussão. O consumidor afirmava que a perdiz não se podia comer. Teimava a colareja que a perdiz estava em muito bom estado. E como não fosse possível harmonisar a questão entre as duas partes litigantes, recorreu-se ao medico que verifica aquilo que a gente come antes de ser exposto á venda.

E então, na presença do medico, o consumidor explicou:

—Sr. Doutor, esta perdiz não presta, está podre e cheia de bichos e esta mulher não me quer devolver o dinheiro que lhe dei por ela.

O medico examinou a perdiz e inquiriu:

—Mas porque diz o sr. que não come a perdiz?

—Porque não ha ninguem que seja capaz de a comer.

—E porque não ha quem seja capaz de a comer?

—Porque está cheia de bichos.

—E que fazem os bichos na perdiz?

—Estão a comê-la sr. Doutor.

—Ora ai está, fez o medico, como o sr. se desmente a si proprio. Então o sr. confessa que os bichos estão comendo a perdiz e, no mesmo momento, afirma que não ha quem seja capaz de a comer? A mim é que o sr. me não come. Coma a perdiz de sociedade com os bichos. Afinal a perdiz é tão boa que até os bichos, que não sabem nada de medicina nem de caça, a comem com voracidade.

Isso dos bichinhos até aumenta o peso da carne.



—E que dás a teu marido quando ele não gosta da comida?
—O chapeu e o sobretudo.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

No nosso meio teatral — como aliás em quasi todos os meios — ferve a intriga e a má-língua. Inventam-se com grande engenho. Arquitectam-se mentiras com tanta habilidade que, ás vezes, até parecem verdades...

Outro formidável defeito do chamado meio teatral é o sacrificar-se, a uma simples *blague*, a reputação artística de quem quer que seja... Traz-se sempre à *baita* — falando de trabalhos scenicos — a vida íntima e tudo serve para descarregar sobre a vítima um chuva de improperios...

Ha, no entanto, outra gente pior do que a verdadeira gente de teatro. É a que vive à margem, a que nada faz e nada produz e que se mete — como piolho por costura — onde não é chamada e onde nunca teria entrada se não fosse o habito do *encolher de ombros* de todos nós...

Purar a si o que se não faz é também velho costume português. Até *purar* aquilo que é inferior... só pelo prazer e pela gloria de dizer que fazem o que são incapazes de fazer...

Quando iniciamos esta pagina — já lá vão 185 semanas — nunca julgamos que ela chegaria a ter a leitura que alcançou. Tem-se apresentado modesta — como modesta é a intenção com que é feita. No entanto, a responsabilidade do que nela se escreve é de quem a assina — e de mais ninguém.

Tem sido boa quando elogia e tem sido má quando belisca. E', infelizmente, assim o mundo...

Nos, apesar de tudo, havemos de continuar a dizer o que sentimos, ainda que por isso alguma coisa se perca... Paciencia!

Estas palavras vinham sendo necessarias. Já de ha muito as deviamos ter escrito. Foi hoje. Mais vale tarde do que nunca...



Dois novos que pelo seu valor e pelo seu trabalho na peça «A primeira noite», merecem a alta categoria de grandes artistas. Ou eles não pertencessem á Companhia Lucilla-Erico!

Espero resposta de V.ª Ex.ª o mais breve possível.

Pobre rapaz de 18 a 19 anos — ainda novo e da idade media — que tantas ilusões tem! Deixa-te ficar em Cantanhede, que não ficas mal! Alivia-te dessa paixão cantando ao luar... pelas ruas da tua terra!

OS nossos jornais começam a occupar-se mais de teatro. J. de F. iniciou uma serie de pequenos artigos no nosso colega da manhã *Diario Popular*. J. de F., critico autorizado, tem abordado assuntos curiosos e que os artistas devem ler.

Tambem o novo semanario *Rumor*, de J. P., encetou a publicação duma secção «Rumor... teatral». Dela extratmos este periodo:

«Como vem destas vagas e imprecisas palavras, não nos falta materia-prima. Temos autores, actores e ensaiadores. O que nos falta é espirito de ordem e de disciplina. Do que precisamos é de uma ditadura artistica...»

Ela que venha... mas que venha sentada e criteriosa. Talvez seja o salvatério do teatro em Portugal.

AS pequenas companhias surgem diariamente nas secções teatraes... Ha, sem exagero, cerca de vinte. Algu-

mas albergam artistas de valor e artistas que tiveram já a sua aurea.

Se se juntassem todos não daria melhor resultado?

É caso para perguntar: «Onde estão os empregarios da minha terra que não querem organizar elencos?»

A proposito dum numero que E. A. vai interpretar na nova revista, choveram cartas sobre cartas na secção teatral dum nosso colega.

A que conclusão se chegou? Não inquirimos, nem isso tem interesse do maior...

— Copiar, tem copiado muita gente boa — dizia-nos, ha dias, um conhecido homem de teatro...

O que o publico deseja é ver o E. A. a representar... e a representar bem, como ele sempre faz. O resto, aquele que escreveu os versinhos ou a prosa, ou quem é o autor da musica, não interessa ao publico que paga... O outro, o que discute, é o que vai de borla...

E esse... é deixá-lo falar...

O publico de teatro tem as suas simpatias. Quando gosta dum artista... gosta mesmo. Quando o seu nome apparece no cartaz, o teatro enche-se. É claro que ás vezes as peças não ajudam... Mas um grande artista nunca se vê abandonado pelo publico. Ha dias tivemos occasião de presenciar isso.

P. B., um dos valores reais da scena portugueza, estava afastada do palco — por falta de empregario que a quizesse contratar — havia duas epochas.

No entanto, bastou anunciar a inclusão do seu nome na distribuição duma peça para a *casa* se encher completamente.

O publico, quando gosta — dizemos acima — gosta mesmo...

ANTIGAMENTE havia mais respeito pelo teatro alheio.

Folheando um livro velho de teatro, encontramos este cartaz:

«A Fera Amansada» — *arregio* em 4 actos da comedia de Shakespeare «Taming of the shrew», por Paul Delair, tradução de Jaime Segueria.

Se fosse hoje, o cartaz seria assim:

«A peça «A Fera Amansada», inspirada da obra de Shakespeare, por...»

E o pobre francez que teve o trabalho do *arregio* que tivesse muita saude...

A *Prise* está em ensaios...

Esperemos por ela, que nos deve trazer surpresas. Assim se diz nos *mentideros* teatraes...

QUANDO acabarem os nossos artistas de pôr cabeleiras com testas?

Se soubessem o efeito que fazem no publico essas testas cor de rosa enrugadas e mal acabadas!

É um defeito imperdoavel e principalmente em artistas de categoria e que interpretam papeis de responsabilidade...

Não é só necessario cuidar dos interesses, é tambem preciso olhar para os exteriores...

RECORTAMOS das gazetas:

«A azougada actriz Beatriz Costa, logo que termine o seu contrato, ficara no Rio de Janeiro.

— Tambem se afirma que ficarão pelo Brasil: Aldina de Sousa, Sales Ribeiro, Vasco Santana, Luiza Durão e Augusto Costa.

— Em Quelimane, desligou-se da companhia que ha meses daqui saiu em *tournee* pela Africa Portuguesa, a actriz Deolinda de Macedo.

Ficam lá todos...

SE não nos tivessem mostrado, não acreditavamos... Parece impossivel! Numa das ultimas peças representadas, que foi traduzida do francez, apparece a frase: «La nuit porte conseil» por «A noite á porta do conselho», e o vulgarissimo *amalgre touto* por *atudo malogrado*.

É necessario um pouco mais de atenção... e um pouco mais de vergonha.

O publico começa a inteirar-se de quem são certos personagens que trabalham para o teatro... É bom haver cautela... e não se dar peças a traduzir a quem quer que seja, só porque é actor dramatico... e consagrado!

O Homem das 5 horas

OS empregarios teatraes recebem cartas muito curiosas. Toda a gente julga ter *quoda* para o teatro, assim como julga que o teatro da, além do nome, dinheiro e bem-estar. Os empregarios são as victimas desses lunaticos e desses ambiciosos de gloria.

O E. A. recebeu ha dias uma carta que mereceu transcriçáo. É um colosso! Ora leiam:

Cantanhede, 22 de Novembro de 1929.

Ex.ª Rev.ªs Senr.ªs?

(Estevão)

Por esta peça a V. Ex.ª para que se digne atender ao meu simples pedido.

Pedia a V. Ex.ª para me adquirir haí como simples rapaz de boa figura, para me admitir no vosso preciosissimo encanto de grandes actores de Teatro.

Como sou rapaz ainda novo e de idade media talvez dos meus 18 a 19 anos poderia dar alguma coisa nessa grande e bonita vida?

Além disso gostaria de ser atendido ao meu simples pedido por V.ª Ex.ª pessoa de grande credito?

Por isso espera a cada instante a surpresa de qualquer acontecimento que venha aliviar-me desta paixão!

Para que V.ª Ex.ª e R.ªª criatura me queira conhecer por esta simples carta lhe envio o meu nome

Manoel Pereira.

Rua Antonio José d'Almeida (Cantanhede).

Saber escolher Elevador da Gloria



— E' entre os «chauffeurs» que se deve procurar marido... Estão sempre «livres».

Historia do alabardeiro

— «O quê?! Tu não conheces O Alabardeiro, esse poema belo que recita o Chaby?!» — disse-me o meu amigo Leonardo, com olhares de censura e de estranheza. — «Pois vou contarte a tracoas largas a anecdota subtil que um illustre poeta traduziu em versos magistrais:

«Um dia, uma velha alabardeiro, que vivia nas salas dum museu de escultura entre a corte paga de deusas e deuses, a que Jupiter presidia na do alto, viu a luz das rutilas estrelas perdida, queria me referir as lampadas — uma dama de extraordinaria beleza transpôr os umbrais da porta de saida.

«O vestido, colado ao corpo, vinca-valhe as formas perfeitas; os cabelos, dum louro escuro, penteados a grega, brilhavam docemente; e os braços, esses braços tuos, tinham estranhos reflexos marmoreos...»

«O velho alabardeiro quebrou pela primeira vez o seu aprumo habitual, correu para a mulher que o perturbava e, agarrando-a com força, disse-lhe uma intimativa meiga, que mais parecia uma supplica:

«— Oh! Não vos deixo sair, Venus de Milo...»

— «E' bela a anecdota!» — concluiu o Leonardo, enthusiasmo.

— «Sim! Mas eu já conhecia uma parecida. Talvez seja uma segunda edição da que me contaste, actualizada e refundida...»

— «Se é actualizada, perdeu a graça!» — retorquiu do lado o Ribeiro, admirador profundo das coisas d'antanho.

E, mandando vir mais um café, de-

pois dos portados esforços dos outros dois ouvintes Sousa e Silva Mendes, para restabelecer o silencio, comecar a minha historia:

«Certo dia, uma dama quarentona, cuja fachada se assemelhava a dos predios dos galeiros, pois por nós que a pintem não conseguem esconder os estragos do tempo, me'ouse num carro do Poço do Bispo e foi visitar o Museu de Artilleria.

«Apeon-se ao portão, limpou-se da poeira, subiu as escadas e, depois de ter tido três sincopes, ao ver as bandeirolas do antigo regime que por lá estão espalhadas em profusão, comecou percorrendo as salas uma a uma. Admirou as bombardas e as pistolas, virou publicamente a cara ao contemplar os quadros da alha dos Amores e, como terminasse a hora da visita, dirigiu-se tranquilamente para a porta da saida.

«De subito, o velho porteiro, de grande banda verde e boné agalado, para abismado, encara a dama e, ao vê-lhe a fealdade, so comparavel a do gigante Adamastor, e a deselegancia do corpo, que mais parecia o nú artistico duma corista, esbugalha os olhos, investe com ela e, agarrando-a com força, disse-lhe, rangendo os dentes:

«— Oh! Não te deixo sair... canhão 421...»

E aqui têm vocês a tragedia dum porteiro que foi no fim de tudo parar aos «Pequenos Delitos» por tentar abraçar uma mulher sem prévio consentimento!...

Mario Augusto

Elevador da Gloria

Entre amigos:
— Espero que não me recuses a esmola dum escudo para o orfanato que dirijo.
— Com todo o gosto. Mas espero tambem que não recuses vinte escudos para o meu...

Ela: — Sei dum rapaz que casou com uma rapariga quando estava para morrer. So para ela herdou toda a riqueza que ele tinha, como sua viuva. Era capaz de amar uma rapariga assim?

Ele: — Quem é ela? Onde mora?

O cusadot: — Não tenho que fazer nenhuma correçáo ao seu papel. Apenas notatelo...

O actor: — O quê?

O cusadot: — Que a scena final da morte podia ter mais vida do que tem...

Numa camera de deputados:
Um orador esta falando ha três horas, quando repara que ja estao todos impacientes. Entáo, exclama:

— Não e para os senhores que estou falando, mas para a posteridade!

Um aparte: — Se o colega persiste em falar acaba por se achar deante do seu publico!...

Na cidade invicta:
— Rapaz!.. Uma garrafa de vinho do Porto.

— Pronto, meu senhor... E vai bebelo delicioso, porque ha poucos dias recebemos do estrangeiro uma remessa magnifica...

Entre amigos:
— Minha mulher e muito minha amiga. Saiba que a enganava, mas já me perdoou. Já e preciso gostar de mim!...

— Pois a minha tambem me perdoou, mas e porque ja não gostava de mim.

Alice e Maria:
— O Alfredo, sempre que me vê, diz que estou mais bonita!

— Entáo porque não vem ele cá mais vezes?...

O matador: — Ficaste satisfeita com a tua saíra de ontem?

A mulher: — Não! A Felismia e a Clementina vieram juntas e saíram ao mesmo tempo. Eu tinha que dizer á Clementina uma quantidade de coisas a respeito da Felismia, e a Felismia uma infinidade de coisas da Clementina. Bem vêes que, tendo elas entrado e saído ao mesmo tempo, não podes dizer-lhes nada! Foi um martirio toda a noite!...

Falece a sogra do Armindo e o Felisberto vai lá a casa dar-lhe os pesames:

— E sofreu muito a tua sogra?
— Infelizmente, não.



— Vão fazer economias. O vinho, dentro em pouco, custará duas vezes mais barato...

— Quere dizer; podemos beber duas vezes o que bebemos agora...

BOM HUMOR

Numa agencia de casamentos:
— Diz o senhor que essa senhora que quere casar-se consigo tem mil contos?

— Sim, senhor. Garanto-o. E além disso esta tuberculosa em ultimo grau.

— Esta certo disso?

— Senhor! A nossa casa e muito honrada e garantimos todos os nossos artigos.

Numas manobras militares, o capitão surpreende um sargento fora das linhas a fazer a corte a uma raparigunha.

— Que faz você aqui — interroga, zangado, o oficial.

— Estava a seduzir esta rapariga para que me dissesse onde está o inimigo...

— Que lhe parece a você a comedia de ontem?

— Bem, Mas... apenas vejo uma coisa inverosimil.

— O quê?

— Que decorrendo três meses do primeiro para o segundo acto, a senhora ainda tenha a mesma creada.

Numa desordem enorme, em que havia ja uma porção de homens cidos e engalfinhados uns sobre os outros, pergunta alguém:

— Não houvera por aí um policia?

— Haver, ha — responde o interrogado — Ha um, mas está lá por baixo de todos...

— Enquanto me namoraste, só te sentias feliz quando tinhas as minhas mãos entre as tuas.

— Porque a minha felicidade era não te ouvir tocar piano.

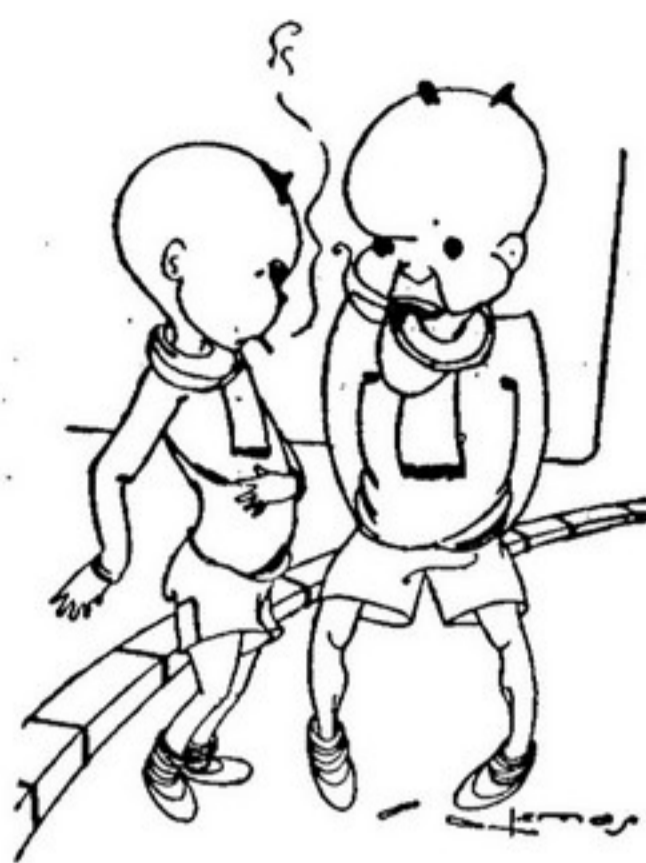
Entre mãe e filho:
— Mãe, dá-me um bocadinho desse doce?

— Já te disse que não. Para que insistes em pedir?

— Porque o papá diz que a mamã não diz a mesma coisa duas vezes...



I — Canção salaia — Conto surdo e mudo.



— Dou-me a barriga e só vejo nuvens. E' dos cigarros!
— So vés nuvens? Então quando chegares a casa vais naturalmente ver as estrelas...

PELO MUNDO

LONDRES, 2. — A noite passada, uma brigada especial da «Scotland Yard» procedeu a uma rigorosa rusga na cidade. Foram presos um mudo que se negou a indicar o seu domicilio; um surdo que cumprimentou o guarda captor quando este, delicadamente, lhe chamava «sua besta»; e uma criança de dez anos que se negou a dizer de quem era pai.

TOULON, 2. — Eloi Cambon, proprietário do «Cafe Commerce», comprou ante-onhem, por um preço algo exagerado, um porco de dezotto meses que, a falta de outro lugar, Cambon resolveu meter na cave do cafe. Ontem, com grande espanto seu, foi encontrar o porco quasi morto de bebedo e as garrafas de «vermouth» todas despejadas.

PARIS, 20. — Paris foi mais uma vez teatro dum drama de amor. Foi o caso que o tintureiro Combaleot, que ha anos vivia maritalmente com uma mulher de nome Helene Mirail, teve uma formidavel discussão com esta por questões de ciúmes.

No meio da discussão, o tintureiro puxou dum revolver, disparando seis tiros sobre a mulher. A porteira do predio, o policia de serviço na rua e dois populares correram para o local do drama, sendo mortos a tiro pelo troloucaado.

Os cadaveres foram conduzidos para a morgue.
Pouco depois, o tintureiro e a mulher faziam as pazes e abandonavam Paris.

MADRID, 2. — Um madrileno chegando ontem de Sevilha afirma que o mau tempo tem prejudicado bastante a exposição andaluza.

Com esse madrileno passou-se o seguinte:

«Junto dum sevilhano estranhou o facto de fazer na capital andaluza um frio glacial.

— Aqui, ao que parece, a agua gela como no norte de Espanha — disse ele.

— Sim — respondeu o andaluz. — Isso é de facto verdade, mas... é que em Sevilha a agua está tão deshabituada do frio que qualquer coisa a gela.»



II — Canção saiaia — Conto surdo e mudo.

Espirito de vinho Saber escolher

Pela avenida acima, altas horas da madrugada, caminhavam dois homens «utilizados» — para não dizermos bebidos, que é termo vulgar. Estes dois homens eram dois símbolos: um, símbolo do politico de café, com a imaginação sempre povoada de reformas e de largos plenos administrativos; o outro, símbolo do portuguesinho conservador, que fica em casa e em casa aplaude a obra construtiva de todos os governos.

Cambaleante, aos zigue-zagues, dizia o primeiro bebedo:

— Se eu fosse ministro da Instrução, havia de espalhar mais luz do que os nabos da camara municipal. Todos haviam de saber ler; quem fosse analfabeto não poderia ser soldado, nem empregado publico, hein?!

Cambaleante, alguns passos atraz, o segundo bebedo rematava:

— Apoiado!

O primeiro bebedo continuava:

— Se fosse ministro da Agricultura, mandava acabar com os jardins para no seu lugar plantar trigo, que é a grande riqueza do pais. E quem quizesse ser funcionario do Estado havia de demonstrar ser capaz de beber uma do tinto sem respirar.

O segundo bebedo comentava:

— Apoiado!

O primeiro voltava á carga:

— E se fosse ministro da Justiça, havia de acabar com as cadeias, que são escolas do crime. No Trol punha uma «capelinha», na Boa-Hora uma «igrejinha» e na Penitenciaria um «conventinho»... Que tal?!

Cambaleante, o segundo bebedo só tinha um comentario:

— Apoiado!

O primeiro bebedo insistia, satisfeito com os aplausos do companheiro:

— Se fosse ministro das Finanças, acabava com as contribuições e impostos. Ninguem pagaria nada ao Estado, que passaria a viver apenas dos rendimentos...

E o segundo bebedo, ebrio de alegria, respondia:

— Apoiado!

O primeiro bebedo continuou a sua exposição, aos zigue-zagues, enumerando as reformas que faria se lhe entregassem as outras pastas que ainda faltavam. Explicou detalhadamente o que faria no ministerio dos Estrangeiros, da Guerra, do Comercio, etc.

Quando, porém, chegara ao fim da sua exposição, quando começava a expôr o que seria a sua obra no ministerio da Marinha, um bordo mais forte fez-lhe perder o equilibrio e dar com o corpo em terra.

Então, o segundo bebedo, desolado com aquela queda tão mesparada, parou, olhou filosoficamente o companheiro estendido no chão com os seus planos de governo, e comentou:

— Olha que pena! Agora que o país já ia tão direitinho, não cai o governo?!

Ruyself.



— Que simpatico é aquele «boxeur»! E deve bater forte!...

Um naufrago fleugmatico

Desde que me dediquei aos estudos historicos, é isto: — não despego da erudição. Assim, cada dia que, celer, passa em minha vida de esteta observador dos gestos belos dos nossos antepassados traz-me, consolador e erudito, uma nova noção do que foram os heróis do mar, nobre povo, que anda agora tão terra a terra, por sentença cruel do Deus Supremo.

Ora, então, isto passou-se ha ainda poucos meses. A Companhia Nacional de Navegação não começara ainda as suas carreiras para o Brasil, e, por isso, os mais aventureiros navegantes portugueses eram ainda obrigados a tomar passagem nos sordidos paquetes das grandes companhias estrangeiras. E o aventureiro Benjamin Láestira tomou a sua passagem de 1.^a no possante paquete da Sociedade das Cinco Estrelas chamado *Avale-la-Mer*, da praça de Bordeus. A viagem foi deliciosa. Mas, depois da paragem em Dakar, onde com solenidade Benjamin e os outros passageiros de 1.^a portugueses, foram gloriosamente festejados pelo lá consul dr. Antonio Cruzeiro, com festas triunfalmente custosas (para os ditos passageiros), começou a soprar o vento leste, especie de tornado malfetor, e tal foi a sua violencia que toda a caranguejola que ia em cima da coberta foi, pouco a pouco, arrastada para o mar.

Todos os dias ao depois do começo da tempestade, o comandante, sósnho, porque os passageiros e os officais se haviam, medrosos, recolhido á tábua, via um homem «flegmatico» a passear na tábua, abalando flegmaticamente ao desencadear fragoroso das intemperies. Era Benjamin Láestira. A largos passos, media o longo da

ponte, exclamando, de espaço a espaço:

— Ora o Cruzeiro! Ora o Cruzeiro! Lembrava-se com indignação da despesa insolita a que a representação consular do seu país o obrigara.

— Aquilo — considerava ele — é o infinitivo do verbo *dar para cá*. E' o *da-cá* no infinitivo...

Mas como Benjamin era *utilitári* e não pronunciava os *rrr*, o comandante ficava assaz intrigado quando o ouvia exclamar:

— Ora o Cruzeiro! Ora aquele Cruzeiro!...

Um dia chegou em que, perdida toda a esperança de instrumentos proprios para ajudar o salvamento dos provaveis naufragos, Benjamin Láestira appareceu na tolda vestido de fato de banho. Dirigia-se, em passo firme, para o comandante, que o via aproximar atônito de tão insolita attitude.

— Que faz o senhor por aqui, nesse trajo obscuro, quando a tormenta estruge com violencia e tudo nos aconselha ao recolhimento e á prudencia? — perguntou com severo aspecto o comandante.

— Como já de todo se perdeu a esperança de salvamento por via das lanchas e dos cintos do dito, venho respeitosa e pedir a v. ex.^a que me ensine a nadar, para poder ainda, de volta ao Senegal, pregar duas bofetadas naquelas patife do Cruzeiro.

E, como pronunciara mais uma vez esse nome sem r, o comandante mandou pô-lo a ferros por doido varrido. E, entretanto, era Benjamin Láestira o unico homem da tábua que viajava a bordo do *Avale-la-Mer*, da praça de Bordeus.

Bicente Botafogo

A grande epidemia HISTORICAS...

Grassara lá na terra uma epidemia grave e a respectiva direcção de saúde aconselhara á população a caça aos ratos — os condutores da terrível doença.

A camara municipal, preocupada com o assunto, resolveu pagar — o caso passou-se em França — vinte e cinco centimos por cada rato morto, isto para encorajar a população a fazer uma maior caça aos simpáticos roedores. Para isso, a camara montou um serviço especial adentro do edificio, bastando apresentar-se a cauda do animal morto para se ter direito a receber os combinados e estipulados vinte e cinco centimos.

Depois que o edital sobre o assunto foi afixado, dias decorreram sem que na camara apparecesse um unico portador de ratos de rato.

A camara e os funcionarios davam já o diabo á cartada pelo frasco que essa ausencia de caçadores representava, quando, certa manhã, contente que nem um rato, appareceu no edificio da respectiva repartição camarária um individuo que apresentou nada menos de cento e vinte ratos de ratos de diversos tamanhos. O chefe da repartição felicitou o homem por tão grande caçada e entregou-lhe, com o melhor dos sorrisos, os 30 francos a que tinha direito.

Dois dias depois, volta a aparecer na camara o mesmo individuo. Desta vez trazia consigo a bagatela de seiscentos ratos de ratos. Os empregados e o chefe da repartição atiraram um olhar de espanto e, depois de um pouco precipitadamente contarem as caudas, entregaram ao homem cento e cinquenta francos.

No dia seguinte, voltou o caçador á camara. Desta vez levava mil e oitocentos ratos, do mesmo tamanho e do mesmo peso. Depois, no outro dia, levou quatro mil e seiscentos ratos e recebeu por eles mil cento e cinquenta francos.

Os empregados da camara interrogavam-se se tal caça não acabava mais e onde diabo ia aquelle homem descobrir tanto rato.

Julgavam já que ele não apparecia mais, quando voltou á camara, primeiro com nove mil ratos, depois com dez mil, depois com vinte mil... por fim com um camião cheio deles.

Começou a achar-se então estranho o caso. Pretendese o homem; procedese ás respectivas investigações e — pasmal, oh! gentes! — verificou-se que os ratos de ratos... eram falsos.

O engenhoso ladrão tinha montado uma fabrica onde se faziam ratos de rato em serie!

Carlos X; rei da Suecia, tinha-se apoderado de Praga e jantava com o gordo Conde de Koenigsmark quando lhe vieram anunciar a presença dum celebre comilão da cidade, da qual era curioso atractivo.

— Comes muito? — perguntou-lhe o rei.

— Em honra do rei da Suecia sou capaz de comer um porco inteiro.

— Não és capaz! — disse o rei.

— Não?! — exclamou o comilão indignado. Mande Vossa Magestade tirar a este gordo senhor as suas espadas e espada e veremos!

E de tal maneira o prometeu, que o Conde de Koenigsmark, temendo ser comido sem espadas, tratou de se safar prudentemente.

* * *

Achando-se Felipe II no Escorial, vestido com a sua roupa habitual e sem insígnias que denunciasssem a sua gerarquia, entrou um pobre diabo que lhe pediu para ser seu cicerone na visita ao mosteiro.

Aceitou o rei o pedido e com tal

arte lhe mostrou a sua obra que o rato, agradecido, disse:

— Obrigado, bom homem, chamo-me Fulano de tal e vivo em tal parte. Se alguma vez por lá passar, bata ao ferrolho e provará um belo vinho.

— Agradecido — disse o rei — eu chamo-me Felipe II, e se algum dia for a Madrid, passe pelo palacio real, que talvez se arranje alguma coisa...

A cara do Fulano deve ter sido mais de ver que o proprio Escorial...

* * *

Esta tambem é historica.

Sendo deputado um cavalheiro desses que prometiam mundos e fundos antes das eleições, recebeu este a visita dum eleitor dos que mais trabalhara por ele no respectivo circulo.

Quería o ingenho eleitor que o deputado fizesse continuo da Camara dos Deputados um filho que tinha lá na terra.

— Não pode ser — explicou o deputado — não ha vaga.

— Não ha vaga?! Mas para você houve! — respondeu o indignado pai.



—Pobre mulher! Imagine que ontem o marido lhe deu uma tarefa tão grande que lhe deixou o corpo cheio de sinais!

—Ele o que é?

—E' policia sinaleiro.

A PENINHA REABRIU!
COM A DIRECÇÃO DO SEU PROPRIETARIO

Deseja V. Ex.^a almoçar, jantar ou ceiar bem com suas Ex.^{mas} Famílias e com sobrinho? Vá a este tradicional Restaurant. — Variadissimo menu, comidas á portuguesa, ótimas salas para famílias com pequenas mesas, unico Restaurant no genero em Lisboa. — Fornece almoços, jantares ou qualquer outra refeição ao domicilio, para o que tem pessoal devidamente habilitado. — Aberto toda a noite.

TELEPHONE N. 5508

9, R. Pascoal de Melo, 9-A
ao Almirante Reis



Se fosse tão simples vender fitas cinematograficas como vender fitas de nastro, não havia retrozeiro que não armasse em distribuidor ou exhibidor de filmes.

Em Portugal, nesta epoca humida do ano, nascem mais empresas de cinema do que cogumelos. Mas como a empresa é difficil, vamos procurar definir, pela analise demorada dos que estiveram para existir, existiram e existem, o tipo ideal, perfeito, inamovivel, que sirva de modelo áqueles que estão para existir.

Temos distribuidores de filmes prudentemente calvos para que lhes não embranqueçam os cabelos nem lhes possam fazer o ninho atraz da orelha. Temos-os israelitas, porque é a fazer judiarias que se ganha dinheiro em cinema. Ha-os engenheiros, para que não lhes falte o engenheiro... e a arte, tão necessarios para as programações como para cantar o peito illustre lizitano. Ha-os advogados, para que não lhes escape qualquer deslize nos contratos, nem o numero do artigo do codigo penal a applicar aos *fulcrum-makers*, para empregar o justo termo inglés. Ha-os banqueiros, para que nunca falte aos filmes a chamada massa, pois consta que dappela *massa* é que eles se fazem. Ha-os architectos, para poderem demolir castelos (brancos ou tintos). Ha-os funcionarios publicos, para poderem ter tempo de tratar os seus negocios.

Os mais providentes começam logo por se instalarem dentro duma Companhia de Seguros contra todos os riscos... do positivo, e por representarem uma acreditada marca de extintores, a fim de poderem extinguir *totalmente* os criticos mais inflamados.

Ha profissões incompativeis com o negocio de filmes: os droguitas dão em droga; os pintores ou pintam a *macaca* ou estão se nas tintas; os medicos recolhem ao hospital. A uns cortam-lhes o monopolio route, como ao Manuel Cegonha, que já não tem, não tem... Outros impõem a *cardade*.

Então: o distribuidor ou exhibidor ideal precisa de ser calvo, pinto, engenheiro civil, formado em leis, banqueiro, funcionario publico e acionista duma Companhia de Seguros. Estas facultades não são incompativeis entre si, sendo portanto possíveis reunilas. Mas qualquer delas parece ser, pelo visto, incompativel com uma outra facultade essencial: perceber alguma coisa *d'aquilo*.

* * *

Depois deste tremendo ensaio... literario, e absolutamente justo que saçamos a curiosidade de leitor, dissertando com a habitual competencia sobre os filmes a ver pelo publico (e a *haber* pelos alugadores...) nesta minha nobre e leal primeira semana de Dezembro na corrente cidade de Lisboa.

Os *novos senhores* do Tivoli entraram com o pe esquerdo. O S. Luis mudou mais uma vez de opinião, proclamando *A outra verdade*. O Central enterrou S. Ex.^a o *Morto* (que teve um lindo funeral... e agora dá a *Monragora*). O Odéon bisou o *Monte-Cristo*, para não gastar as fitas que são precisas para o Chiado Terrace. E o publico do Condes continua a *embarcar* no *Barqueiro do Volga*, porque o sr. Pita Morgado descobriu um documento galinho-romano em que o consul Ludovicus Pereira reconhece que a fita foi dois meses no Politeama!

Muito pode a aldrabimagação do homem!...

Retardador

Entre amigos

—Onde estão agora?

—Janto e ceio no Parque Mayer, no «Castelo dos Mouros», porque é o José Belrrão quem faz a comida.

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA
Sempre sortes grandes!



— «Fumando, espero... encontrar quem me pague o *lari*...»

As mulheres e o voto

As mulheres portuguesas vão ter, ao que parece, direito a voto. E como o boato já corre com insistência, algumas delas, as mais fortes do sexo, deram em fazer comícios pelos consultórios, mostrando, assim altas, o seu desdém pelos homens... *fracos!*

Como as abelhas que, quando um rigoroso e cruel inverno, constroem as suas colmeias com dupla parede, as futuras sufragistas vão preparando o terreno a *bater lingua*, na deliciosa esperança de chamarem mais saias ás fileiras.

Elas tem uma admirável previsão. Já cantam vitória. Mas, os eleitos dos seus pequeninos corações é que não estão contentes com os votos que as meninas e as matronas fazem para conseguir, apanhar á mão, as redes do governo.

— Nós não queremos ser mais escravas do homem. Nós queremos ter os mesmos direitos do que ele. Assim se expressava, numa assembleia, ali, na Praça dos Restauradores, certa senhora de cabelo na venda.

— Apoiado! Apoiado! — gritavam loucamente as assistentes, de saias por cima dos joelhos, e de monoculo em riste.

Uma voz: — Os direitos do homem tem que acabar. Não pudemos aguentar mais goma a canga!

— Apoiado! Apoiado! Claro está que o representante do *Fixe*, naquele tumultuar de paixões, houve, por bem, retirar-se, a fim de pôr as costas no seguro!

Pareciam mais feras do que mulheres aquelas mulheres do futuro, que querem, á *outrance*, negar os direitos aos homens do presente... mais que indicativo da sua nula acção nesta babilonia da aventuras galantes... Razão, pois, lhes assiste!

Como se anuncia, a todo o vapor, que não tardará a hora da *rebuta a bexiga feminina*, vão ser tomadas medidas repressivas, porque as de cerveja estão pela hora da morte.

Um decreto determinará que as senhoras, sejam elas boas ou más, brancas, louras, pretas, mulatas ou morenas, não possam ter ingresso nos *bars*, *restaurants*, *cafés* e casas de iscas, depois das 21 horas.

A gente cá do *Fixe* está a vêr o sarrilho; junta-se uma porção de mulhetes, fazem *meeting* e ás duas por três voarão os sapatos femininos, atirados contra os espelhos, as garrafas e as mesas, no meio dum tumulto espantoso, como se a furia do sexo debil quizesse reduzir tudo a pó!

O caso não seria inedito. Num *café-restaurant* da rua Old Compton, em Londres, as meninas albionesas já fizeram das suas e não foram presas... mais curtas, a despeito de terem as linguas compridas!

lvinh

BERTRAND IRMÃOS, L^{DA}



IMPRESSORA
DE MACHINAS
DE TYPES

Rua de S. Paulo, 77 — Lisboa

Cartões grandes?
só o *PIXA* os vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

DESSPORTOS

Tu aparo, tu aparas, nós apáramos

A teoria de Einstein aplicada á bola

O *team* nacional, em Milão, conjugou o verbo «aparar» em todos os tempos e modos. No passado, no presente e no futuro.

Aparou seis bolas que os italianos lho ofereceram, ha de aparar todas as descomposturas que em Portugal lhe hão de dar. E aparou tambem as aparas com que planificaram o campo por causa da chuva, das covas, etc.

Chegámos a esta conclusão interessante: Portugal não tem um *team* de *foot-ball*: — tem um «aparador».

Vitor Silva, o rei dos avançados centros, ou o centro dos reis dos avançados, ou o avançado centro do rei, — eis a sensação que tivemos ao lêr uma explicação fortuita a uma pagina exterior do *Noticias Ilustrado*.

Se pegar a moda dos titulos nobiliarquicos, teremos dentro em breve:

Carlos Silva, o príncipe dos guardarêdes; Augusto Silva, o visconde dos «half-backs»; Pepe, o barão dos meias-pontas; Temudo, o pagem dos defesas; Carlos Mota, o cavaleiro dos médios direitos, e, finalmente, o Barão, o bóbo da corte.

Dizia-me um arbitro, após uma gentil discussiosinha, em que o seu cabelo cabeludo teve de ir ao deita-gatos para fazer a união das partes contundidas:

— Num campo de jogos ha duas especies de ferramentas: os martelos e as bigornas. O arbitro e sempre bigorna. Por isso nunca mais apito em nenhum encontro.

A teoria da relatividade do sabio Einstein está actualmente em foco no nosso país. E, segundo opiniões abalizadas, vai ser aplicada ao *foot-ball*.

Relativamente não achamos razão para nos assustarmos, visto que, teoricamente, já essa teoria se encontra ha muito em pratica.

Um *keeper* que deixa entrar uma bola, se lhe meterem segunda, terceira, quarta, consegue deixar entrar todas que la lhe quizerem meter.

E um avançado que mete um *goal*, segundo, terceiro, quarto, meterá tantos quantos quizer meter.

Se calhar é mentira, mas é assim mesmo.

A seguir nesta proporção, deveremos em breve possuir uma brilhante

colecção de resultados teoricos:

Bemfica... 142 Sporting... 138

ou então

Belenenses 1042 Chelas..... 0

E' garganta, com certeza.

A Direcção da Federação vai fazer testamento. Lega a sua sagacidade, a sua argucia, o seu bom-senso á Direcção que lhe suceder.

O Ornelas, como foi demitido e é jornalista, apanha a caneta que serviu para assinar a autorização da ida do Vitoria ao Brasil.

Mais um jornalista perdido!

Lagarto! Lagarto!

(Para cantar com o fado da Maria Alice)

Os teus olhos peregrinos
Choraram de intensa magua
Ao saber o resultado.
Para aumentar aos bambinos
A percentagem da agua
Do campo tão encharcado.

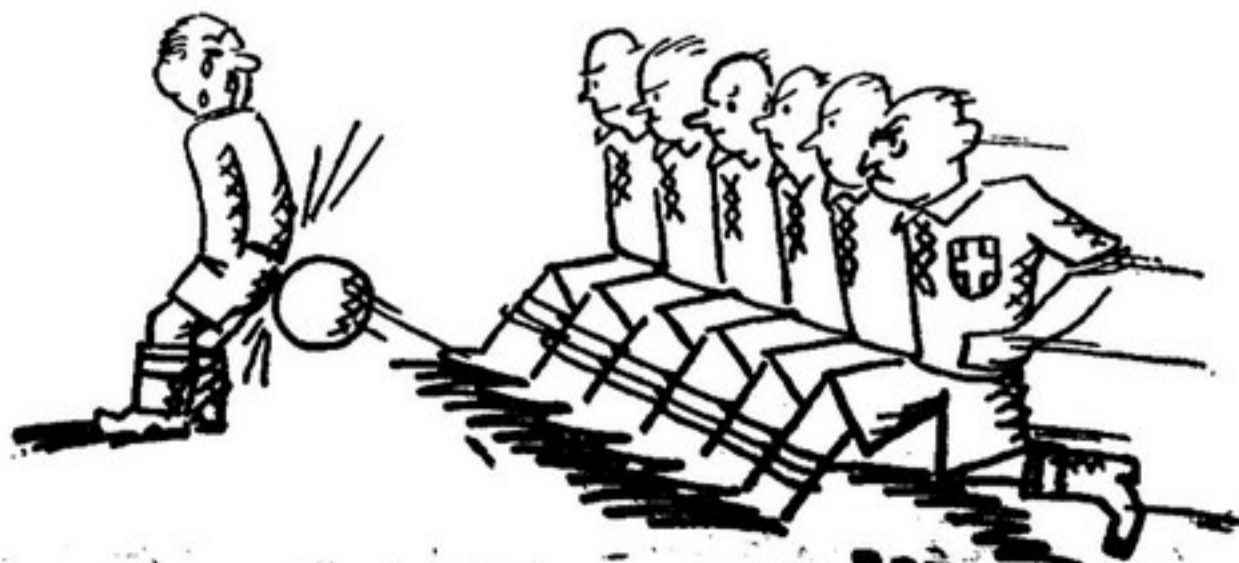
Não me importava ser frade,
Usar a corda á cintura,
Com um rosario na mão.
Para pedir á vontade
Que sugestasse á tortura
Quem nos mandou a Milão.

Os *players* do Casa-Pia
Não são tralfulhas, nem nada,
Como dizem os jornais.
Segundo diz o Almada,
Os jogadores, qualquer dia,
Vão ser internacionais.

Temudo é mudo, mas fala,
E muita vez acontece
Falar á gente em calão.
Por isso diz: «Sou magala.
Como um magala obedece,
Eu fui parar a Milão».

Zé Maria.

6 a 1 (não haviam de ganhar!?)



Era cada um que parecia seis...
e seis a um não vale

Os brincos da senhora

A D. Felisbela, era como o seu lindo nome indica, uma criatura bela e e feliz. Sendo simplesmente encantadora, os seus olhos tentavam todos os santos da corte celestial e o seu corpo tinha curvas tão harmoniosas e tantas, como a linha dos electricos da Graça.

Porém, como não ha bela, sem senão, a D. Felisbela era horrivelmente surda, e como todos os surdos, tinha a pretensão de não ouvir dar perceber aos outros o seu desarranjo auditivo.

Ora muito bem: a nessa admirável D. Felisbela, tinha o marido na Linda, em Angola, na Companhia d.s. Diamantes da dita, o qual ao fim de uma biliosa, duas onças mortas, vinte ilusões perdidas e milhares de saudades da esposa linda, resolveu vir para Lisboa, trazendo a consorte trez carissimos diamantes em bruto salvo seja. Dos dois mais pequenos, resolveu a D. Felisbela, depois de convenientemente liquidados, mandar fazer um par de brincos, e como um par é sempre composto por dois, excepto nas cuecas, esses brincos têm o nome de *solitarios*.

O bom do nosso amigo Carvalhosa, adiposo e feliz esposo da bela em questão, aprovou a ideia, e aconselhou a que o diamante que ainda se conservava em bruto não fosse mostrado a ninguém antes de lapidado, talvez com receio de que lho lapidassem.

E, no dia em que a D. Felisbela pôs pela primeira vez os brincos, ficou resolvido dar um baile, não só porque ela gostava imenso de dançar, mas tambem para inveja das Mesquitas, que não podiam vêr camisa lavada a ninguém que não dessem a sua picadela.

Uma noite, D. Felisbela estava encantadora e, a par do brilho dos seus olhos negros, brilhavam incomensuravelmente os dois diamantes dos brincos, preocupação unica, para ela, nessa ocasião, D. Felisbela não pensava senão nos seus diamantes, e, devido á sua surdez, julgava que elogios rendidos á sua peregrina formosura somente se dirigiam aqueles brincos de diamantes que tão vaidosa a tornavam.

Ora aconteceu que o joven adido da embaixada da Begonia a foi buscar para dançar e, muito confidente, lhe ciciou:

Então, ela, rapida, não querendo perder a ocasião de fatar dos diamantes, respondeu:
— «Sim, estes dois não são feios, mas tento ainda um maior e mais lindo, mas... meu marido não quere que o mostre a ninguém... porque ainda não está lapidado!»

Silva Tinto



— Como se sente?
— Sinto uma sensação extraordinaria, como se me tivessem tirado um grande peso de cima.
(De Pages Gates)



Ele: — Minha irmã é uma desgraçada: já perdeu quatro maridos.
Ela: — Mas isso não é ser desgraçada: é ser descuidada!

ECOS DA SEMANA

COMO PREMIO (DETALHÃO) VÃO SER CONCEDIDAS 24 HORAS DE BATELÃO A UM CERTO MENINO PARA SABER COMO ELAS (ONDAS) MORDEM...



O BOI INCINERADO AO SABER QUE GASTARAM MAIS EM LENHA QUE O SEU (DELE) VALOR, DESATOU A RIR E RESSUSCITOU COM A EMOÇÃO.



PARA PROVAR A RIQUEZA DA MINA DO PÍTRIOU NOS AÇORES, BASTA DIZER QUE JÁ VEM DA ORIGEM ENGARRAFADO E ALMOTOLIADO.



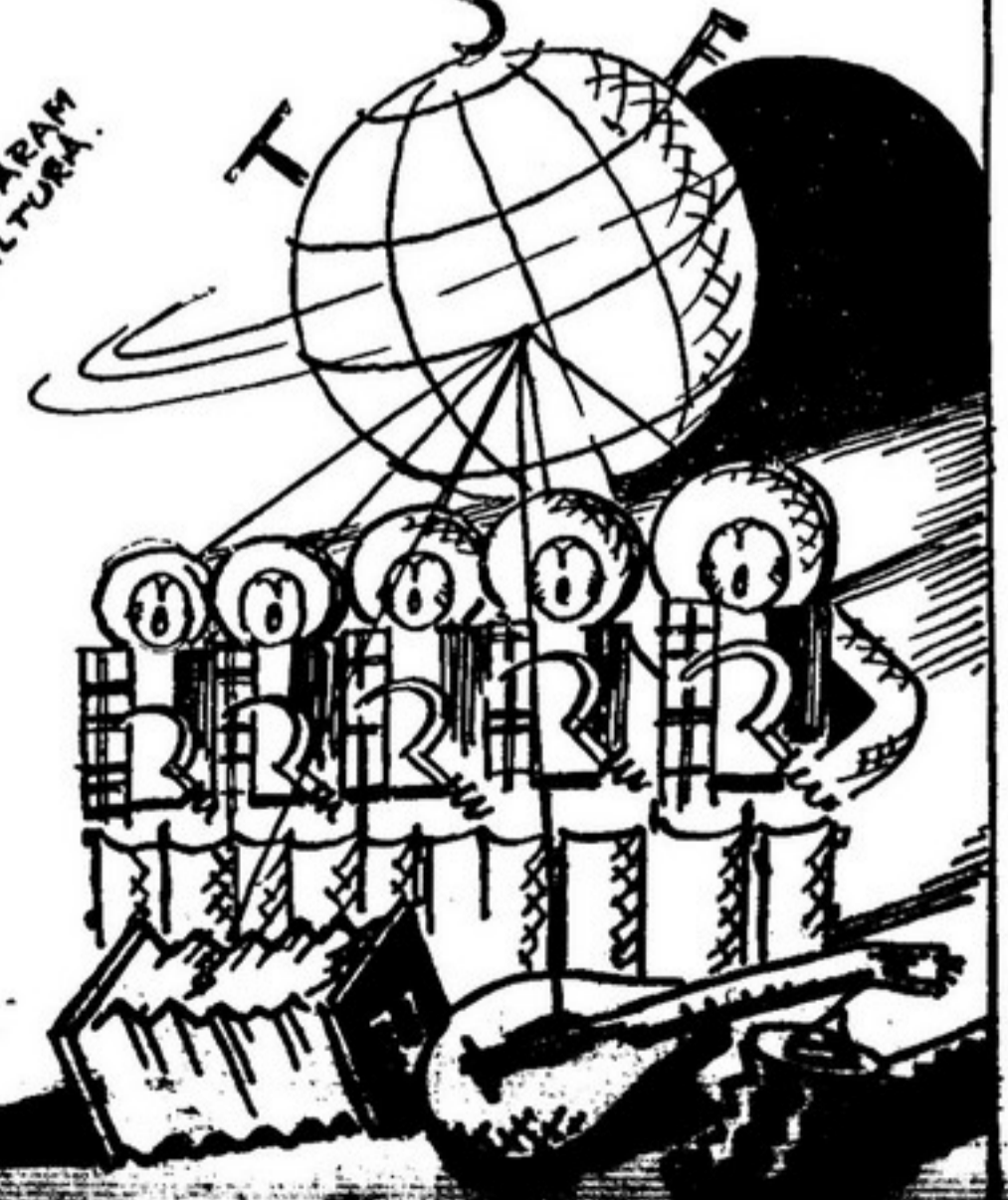
E ELE CHEGOU E DISSE: — E EU TAGARRO BEM-AVENTURADO... VÊ A EXPOSIÇÃO E SARA A TUA VISTA. (EVANGELHO S. LUCAS PS. XXXV.)



É QUANDO ESTARÃO OS COROS DO ALEMTEJO, OS DESCANTES DO NORTE E SUL, OS FADOS E A MÚSICA PORTUGUESA "FINA", LIGADOS A TODO O MUNDO?

AQUI ESTÁ A MENINA HELENA DE CASTRO, CUJA BOCA É... COMO É A SUA ALMA.

O HABITO NÃO FAZ O MONJE
1640
APEZAR DAS RENDAS E COLARINHOS, NÃO SE IMPORTARAM DE OS AMARROTAR PARA SE PORTAREM A ALTURA.



AVANTE COM NÚSTACIA